

DE MONUMENTO NACIONAL À PATRIMÔNIO MUNDIAL:

UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O MONUMENTO NACIONAL RUÍNAS ENGENHO SÃO JORGE DOS ERASMOS E OS ENGENHOS DOMINICANOS DA ROTA DOS ESCRAVOS.

Rodrigo Christofoletti

Professor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Pesquisador do Lapa
(Laboratório de Patrimônio da UFJF e do CITCEM - Faculdade de Letras da
Universidade do Porto (FLUP)).

r.christofoletti@uol.com.br

resumo: A comparação entre bens culturais análogos constitui uma das etapas mais difíceis da candidatura a patrimônio mundial. Compara-se para se ativar os possíveis pontos de convergência que fortalecerão a admissão do bem na lista indicativa do Estado-parte, mas, sobretudo para confirmar as especificidades do bem pleiteante. Há, atualmente, dois lugares no planeta em que a primitiva cultura do complexo açucareiro ainda guarda reminiscências de seus episódios mais longevos: na República Dominicana, em Santo Domingo e no Brasil, na Ilha de São Vicente, atual município de Santos. Cada qual guarda especificidades com relação às técnicas construtivas, a forma de implantação e função de seus elementos. O primeiro representando um exemplo típico de engenhos caribenhos de arquitetura espanhola e o segundo testemunho único de um engenho de tipo açoriano de influência portuguesa.

Palavras-chave: Engenho dos Erasmos, patrimônio da humanidade, Rota Dominicana dos Escravos.

abstract: Comparison of similar cultural goods is one of the most difficult stages of applying for World Heritage. It is compared in order to activate the possible points of convergence that will strengthen the admission of the good in the indicative list of the State Party, but, especially, to confirm the specificities of the claimant good. There are currently two places on the planet where the early culture of the sugar mill still holds reminiscences of its longest-lived episodes: in the Dominican Republic, in Santo Domingo and in Brazil, on the island of São Vicente, now Santos municipality. Each one maintains specificities with respect to the constructive techniques, the form of implantation and function of its elements. The first represents a typical example of Caribbean engenhos of Spanish architecture and the second unique testimony of a sugar mill of Portuguese influence.

Key-words: Erasmos Sugar Mill, world heritage, Dominican Route of the Slaves.



Nos últimos cinquenta anos, a pauta sobre o patrimônio passou a discutir bem mais que a simples conservação dos conjuntos e heranças culturais, materiais ou imateriais dos seres humanos. O entendimento de que o patrimônio significa a continuidade da cultura de um povo, ou o conjunto de partes de suas características, colaborou para que seu próprio conceito passasse a ser compreendido a partir de um elaborado alargamento: denominado, por muitos, como um *bem cultural*, o cerne deste significado, obviamente, transbordou a, até então, categoria de mero constructo humano. Definições de critérios passaram a balizar a proteção do patrimônio cultural/natural mundial, que por meio de documentos indicativos, (as chamadas Cartas Patrimoniais) e seleções de mérito (as listas indicativas do patrimônio local, regional e mundial) buscaram se tornar portadores de um conjunto de proposições, muitas vezes, universais.

Compreensão mais ampla passou a ser empregada nos foros internacionais ainda na década de 1950, quando a UNESCO definiu que o patrimônio cultural compreendia os monumentos arquitetônicos, os sítios arqueológicos, e os objetos e estruturas herdados do passado, dotados de valores históricos, culturais e artísticos; bens que representavam as fontes culturais de uma sociedade ou de um grupo social. Mas a UNESCO não centralizou a tutela de tais bens. A proteção do patrimônio cultural passou a ser outorga e tarefa primordiais do Estado interessado em possuir bens carimbados com tal rubrica. Isso significa que cada país tem a prerrogativa de cuidar para que seus bens figurem nesta listagem de exemplares únicos, e por isso, dignos de diferenciação.

Diante do quadro complexo em que se encontra o conceito de *patrimônio* em âmbito internacional, este texto objetiva suscitar discussões preliminares sobre um estudo de caso hipotético: a potencialidade e viabilidade da candidatura do Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos¹ à categoria de Patrimônio da Humanidade. Portanto, trata-se primeiramente de um estudo de caso conjectural e não tem a pretensão prescritiva de ser um indicativo para futuros dossiês, embora possua ossatura para esta finalidade. Trata-se muito mais de um exercício de projeção que, no futuro poderá subsidiar pesquisas mais aprofundadas de natureza similar. Para tanto, tais discussões serão balizadas por dois documentos

¹ A sigla RESJE será utilizada para designar as Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos. Ver: <http://www.engenho.prceu.usp.br/>

fundamentais para a elaboração dos chamados Dossiês de Candidatura: as *Orientações Técnicas para a Aplicação da Convenção do Patrimônio Mundial*, publicadas em 2011 e o *Manual de Candidaturas para Patrimônio Mundial*, publicado em 2013 - ambos disponíveis no site da *World Heritage Centre*, órgão vinculado à UNESCO.

Não há dúvidas que desenvolver uma candidatura para o Patrimônio Mundial é uma jornada que exige tempo e esforço. Tal candidatura diz respeito basicamente ao chamado potencial *valor universal excepcional*² do bem, o que pressupõe que o processo de candidatura não deve ser motivado principalmente pela percepção de oportunidades de desenvolvimento econômico. A questão da potencialidade econômica é quesito valioso, mas, pleitear a chancela apenas baseando-se nesta premissa enfraquece o potencial da candidatura.

Trata-se de, no mínimo, seis indicativos de significância e excepcionalidade: a) *valor universal excepcional*; b) pelo menos, um critério de relevância absoluta, dentre os dez elencados; c) condições relevantes de integridade e autenticidade e, d) cumprimento de exigências criteriosas de gestão e proteção; e) percepção de preservação de sua chamada zona de amortecimento³ e f) análise comparativa que explique a eventual excepcionalidade do bem. A análise comparativa explica o significado do bem apresentado para candidatura em seu contexto nacional e internacional. Nessa ótica, ela deve ser comparada com bens semelhantes, estejam eles na Lista do Patrimônio Mundial ou não. A comparação delinea as semelhanças entre o bem postulante e outros bens, bem como as razões pelas quais se candidata.

² O conceito de *valor universal excepcional* é o que sustenta a Convenção do Patrimônio Mundial. É o fundamento de todos os bens inscritos. O propósito básico de uma candidatura é demonstrar a existência de potencial *valor universal excepcional*, e como esse valor será sustentado.

³ Zonas de amortecimento são áreas claramente delineadas que estão fora de uma área protegida, neste caso, um bem inscrito como Patrimônio Mundial e adjacentes às suas fronteiras, contribuindo para a proteção, conservação, gestão, integridade, autenticidade e sustentabilidade do *valor universal excepcional* do bem. Como sugere o Manual, deve-se compreender claramente que a zona de amortecimento não faz parte do bem listado como Patrimônio Mundial, mas existe para auxiliar sua proteção, conservação e gestão. Assim, zonas de amortecimento para proteger o ambiente imediato de um bem podem contribuir para a proteção de sua autenticidade e integridade. Assim como para a delimitação do bem, deve haver uma razão ou explicação clara para a delimitação da zona de amortecimento escolhida, relacionada à proteção, conservação e gestão dos valores do bem. (Manual, 2013, p.68)

a compreensão do valor universal excepcional do monumento nacional resje e os critérios de inscrição na lista

Possuir um *valor universal excepcional* significa ser dotado de uma importância cultural e/ou natural tão extraordinária que transcende as fronteiras nacionais e se reveste do mesmo caráter inestimável para as gerações atuais e futuras de toda a humanidade. Nesse sentido, tanto o *Manual* quanto as *Orientações Técnicas* recomendam, de maneira enfática, que uma *Declaração de Valor Universal Excepcional* seja preparada de maneira sólida e rigorosa bem antes do processo de redigir o dossiê de candidatura. Essa declaração é um pré-requisito de candidaturas levadas a bom termo.

A *Declaração de Valor Universal Excepcional* deve ser uma inquestionável descrição do potencial valor universal do bem, para informar sua futura proteção, conservação, gestão e monitoramento. A declaração deve ser capaz de explicar o valor e os atributos do bem para os tomadores de decisões, os políticos e o público em geral. Garantido o espaço na lista indicativa brasileira, o próximo passo requer esforço redobrado, além da constituição de uma equipe sinérgica que garanta o cumprimento das próximas etapas. Será fundamental diagnosticar se o cabedal de conhecimento sobre o bem está suficientemente constituído ou se há a necessidade de se pesquisar mais. No caso do Monumento Nacional RESJE percebe-se que este seja o primeiro item de uma lista de preocupações. Até que se tenha estabelecido e justificado o potencial *valor universal excepcional*, não é possível desenvolver outros aspectos da candidatura. Aprofundar os conhecimentos sobre o antigo engenho, para além do que se sabe, torna-se, portanto, tarefa fundamental e imprescindível para a consolidação do pleito à candidatura.

Pois, a despeito de ser, sem dúvidas, um bem ímpar e possuir diversas características que o credencie a pleitear a chancela, os problemas oriundos da esparsa e pouco sistematizada documentação, deverão ser minimizados a partir de um conjunto de pesquisa a serem realizadas em arquivos internacionais (particulares e públicos) que, certamente, ajudarão a alargar os limites de conhecimento adquiridos sobre este antigo engenho.

Portanto, a primeira questão a ser respondida é: assumindo a existência dos valores excepcionais deste bem, possuiria o Monumento Nacional informações gerais suficientes para se patrocinar uma empreitada dessa magnitude? Em caso positivo, quais critérios seriam escolhidos para circunscrever o pleito da candidatura? Em caso negativo, quais elementos culturais deveriam ser preservados e ou descobertos para que venha a ser dotado de potencialidade para candidaturas futuras? Possíveis respostas para essa dupla pergunta deverão nortear o propósito das próximas etapas.

Após a compreensão dos valores excepcionais do bem, o primeiro item a ser destacado é a clareza com relação aos critérios de seleção em que o bem será avaliado. Esta etapa se mostra das mais importantes, pois definirá as bases com que o patrimônio será identificado. Há, atualmente, dez critérios para a inscrição no Patrimônio Mundial identificados e o patrimônio pleiteante deve se enquadrar em pelo menos um desses⁴. O critério II será o foco desta candidatura, por reunir em particular, elementos que evidenciam características remanescentes de grande significância para este patrimônio, distinções que ajudarão a qualificar e quantificar suas relações históricas, clarificando-o como protagonista dos episódios iniciais da história do Brasil e do continente Americano, bem como suas conexões com o velho continente.

Destacaremos *en passant* algumas características que legitima este critério apenas como forma de tipificar suas distinções mais essenciais, não tendo neste momento a preocupação com aprofundamentos analíticos que deverão ser realizados quando e se a redação oficial da proposta for levada a termo. Desta forma, para ser inscrito no critério II, o bem deve “exibir um evidente intercâmbio de valores humanos, ao longo do tempo ou dentro de uma área cultural do mundo, que teve impacto sobre o desenvolvimento da arquitetura ou da tecnologia, das artes monumentais, do urbanismo ou do paisagismo”⁵.

Como sugere o *Manual*, a palavra-chave neste critério é “intercâmbio de valores humanos”. É o caso do antigo Engenho São Jorge dos Erasmos, único remanescente em grau de autenticidade e preservação de uma série de engenhos

⁴ Resumidamente, os critérios são os seguintes: I) representar uma obra-prima do gênio criador humano; II) ser testemunho de um intercâmbio de influências considerável, durante um dado período ou numa determinada área cultural, sobre o desenvolvimento da arquitetura ou da tecnologia, das artes monumentais, do planejamento urbano ou da criação de paisagens; III) constituir um testemunho único ou pelo menos excepcional de uma tradição cultural ou de uma civilização viva ou desaparecida; IV) representar um exemplo excepcional de um tipo de construção ou de conjunto arquitetônico ou tecnológico, ou de paisagem que ilustre um ou mais períodos significativos da história humana; V) ser um exemplo excepcional de povoamento humano tradicional, da utilização tradicional do território ou do mar, que seja representativo de uma cultura (ou culturas), ou da interação humana com o meio ambiente, especialmente quando este último se tornou vulnerável sob o impacto de alterações irreversíveis; VI) estar direta ou materialmente associado a acontecimentos ou a tradições vivas, ideias, crenças ou obras artísticas e literárias de significado universal excepcional (o Comitê considera que este critério deve de preferência ser utilizado conjuntamente com outros); VII) representar fenômenos naturais notáveis ou áreas de beleza natural e de importância estética excepcionais; VIII) ser exemplos excepcionalmente representativos dos grandes estádios da história da Terra, nomeadamente testemunhos da vida, de processos geológicos em curso no desenvolvimento de formas terrestres ou de elementos geomórficos ou fisiográficos de grande significado; IX) ser exemplos excepcionalmente representativos de processos ecológicos e biológicos em curso na evolução e desenvolvimento de ecossistemas e comunidades de plantas e de animais terrestres, aquáticos, costeiros e marinhos; X) conter os habitats naturais mais representativos e mais importantes para a conservação *in situ* da diversidade biológica, nomeadamente aqueles em que sobrevivem espécies ameaçadas que tenham um *valor universal excepcional* do ponto de vista da ciência ou da conservação. (Orientações Técnicas. Parag. 77).

⁵ *Manual de candidatura dos patrimônios mundiais*. UNESCO, 2013, p. 37.

construídos nas primeiras décadas do século XVI na ilha de São Vicente, atual região sudeste do Brasil. Este espaço promoveu e registrou o intercâmbio de valores humanos por meio de ideias inspiradoras que influenciaram outras áreas; fluxo de ideias em mão tripla, em que se distinguiram ações dos nativos já adaptados, os colonos europeus e, posteriormente, os escravizados africanos, condição que evidenciou formas de fusão cultural e adaptação local consideradas emblemáticas dada sua natureza, até então, inéditas na formação do novo continente, suas bases econômicas e sua própria identidade.

Pesquisadores deste antigo engenho de açúcar atestaram, ao longo das últimas cinco décadas, diversas características que aludem à sua excepcionalidade enquanto representante icônico da conexão étnico cultural ameríndio/africana, testemunhos deste exemplar único dentre os engenhos erigidos no princípio da colonização americana. Nesse sentido, os engenhos aparecem como os primeiros núcleos urbanos de povoamento regular instituindo o modo de produção que fundou as bases da formação econômica e social brasileiras e americanas em princípios do século XVI.⁶ Essas ruínas quinhentistas estão compreendidas no grande movimento que originará o capitalismo, e por isso figura como monumento representativo de uma vasta empresa colonial de exportação. Entender este processo possibilita a compreensão das origens que configuram este espaço/patrimônio e ajudam a explicar a relação deste com uma rede capilarizada em torno do ideal capitalista. Portanto, tais características, cumprem a natureza excepcional da tipologia deste bem, que ilustra um estágio significativo da história do continente americano.

Esse critério, em contraste com os demais existentes, diz respeito a associações que talvez não tenham um impacto tangível dentro do bem, mas que podem, no entanto, ser demonstradas. O problema que se coloca é: em que medida a excepcionalidade do Monumento Nacional RESJE está associado a algum outro tipo de acontecimento que seja, por si só, de importância excepcional? A quais acontecimentos estaria associado? Sabemos que o processo de construção, manutenção e usufruto do Engenho São Jorge dos Erasmos, enquanto manufatura agrícola, representou o resultado de um período em que quase todas as áreas do globo foram exploradas, povoadas e integradas por meio do processo colonizador executado pelos povos europeus. Tendo o capital mercantil como propulsor e vetor de desenvolvimento, de ampliação e propagação de saberes, o homem moderno europeu, filho do Renascimento, avançou em décadas o que não fizera em muitos

⁶ Ver: FERLINI, Vera Lucia Amaral. **A civilização do açúcar**. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1998. (1ª reimp.), p.49; CORDEIRO, Silvio Luiz. **A paisagem histórica do Engenho dos Erasmos - o vídeo como instrumento educativo na arqueologia do Monumento Quinhentista**. Dissertação de Mestrado. MAE-USP. 2007, p.11 e SCHWARTZ, Stuart. **Segredos Internos; engenhos e escravos na sociedade colonial. 1550-1835**. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.98.

séculos. Extravasando a sua inquietação, encaminhou-se para terras remotas com o propósito de empregar e ampliar aquele capital. Nesse processo de domínios, arregimentou povos e populações para a produção de riquezas. Mobilizou e escravizou ameríndios e africanos na extração de metais preciosos, na colheita de frutos da terra e nas lides agrícolas.

Radicado na terceira década do século XVI, em um contexto histórico de inúmeras transformações, este engenho possui, tanto nas suas estruturas visíveis, quanto nas não visíveis, evidências da época em que fora edificado. Constituiu-se como manufatura açucareira, seguindo as linhas determinadas pelo comércio europeu e pelas necessidades da época, onde os gêneros tropicais, naturalmente inexistentes no velho continente, eram bastante procurados e por isso, extremamente lucrativos para quem os comercializava. Seu estabelecimento e edificação obedeciam aos imperativos da mercadoria produzida: localizava-se à beira de um rio, que passou a ser homônimo e que desaguava em um estuário, facilitando o acesso ao porto da vila de Santos, de onde sua manufatura era remetida à Europa. Instalado na encosta ocidental do maciço que dividia a ilha de São Vicente, fora fundamentado por sobre um sambaqui, dos quais obtinha retaguarda e visão de amplo alcance; da encosta do morro utilizava as quedas d'água então existentes e a cobertura vegetal, que lhes fornecia, respectivamente, energia hidráulica para a roda d'água e madeira para as fornalhas. Do espólio deixado pelo tempo, é possível perceber a importância da geografia como determinante para os colonizadores escolherem aquele local. Escolha imposta é evidente, pela decisão de tomar o litoral sul como ponto de partida para o desenvolvimento do primeiro núcleo efetivo de colonização portuguesa na América.

Como manufatura e proto-fábrica o Engenho São Jorge dos Erasmos representou uma das primeiras formas de organização da produção na América portuguesa e, por meio do capital empregado, foi possível incorporar ameríndios e africanos na confecção do açúcar, mão de obra que movimentou todas as atividades produtivas na colônia por mais de três séculos.⁷ Herdeiro do que havia de mais contemporâneo à época, o encontro da inteligência geográfica do nativo com a expertise do europeu ajudou a conformar a epopeia aventureira que está impressa nos remanescentes deste antigo engenho de açúcar, seja por meio do seu espólio arquitetônico, por sua geografia constitutiva ou seu subsolo pouco explorado e possivelmente prenhe de evidências. Assim, "o Engenho São Jorge dos Erasmos, a despeito de parecer uma maquinaria incipiente, revelou a implantação, em termos de economia açucareira, não apenas da Capitania de São Vicente, nem só do próprio

⁷ CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. LEITE, Gilvan. Moto-contínuo: consumo e produção de energia no Engenho São Jorge dos Erasmos. *Revista Leopoldianum (Unisantos)*, v. 2, p. 49, 2010. p. 34.

projeto colonial, mas de um modo de maquinar o mundo”⁸. Portanto, a excepcionalidade do Monumento Nacional RESJE está associada diretamente a esta sucessão de episódios que constituem em larga escala os primórdios de um período único na história da humanidade: o despertar do homem de um novo tempo.

comparar para valorizar

A comparação entre bens culturais análogos constitui uma das etapas mais difíceis da candidatura. Compara-se para se ativar os possíveis pontos de convergência que fortalecerão a admissão do bem na lista indicativa do Estado-parte, mas, sobretudo para confirmar as especificidades do bem pleiteante. Para tanto, estabelecer conexões com espaços ao redor do mundo que tenham proximidade temática, física, histórica ou cultural com o bem estudado é premissa básica para uma comparação bem-sucedida. É o que mostra a seguir.

O propósito da análise comparativa em uma eventual candidatura à patrimônio da humanidade é verificar se há escopo na Lista do Patrimônio Mundial para a inclusão do bem indicado, bem como demonstrar que não há bens comparáveis na mesma área geocultural (bens culturais) com valores semelhantes.⁹ Os critérios utilizados nesta comparação foram: antiguidade, integridade, autenticidade e grau de usufruto atual.

Neste contexto, o comparativo se apresenta de maneira preliminar e resumida. Ainda carecemos de informações e fontes mais detalhadas, que ajudem a preencher lacunas deixadas pelos documentos oficiais da UNESCO, bem como as poucas páginas eletrônicas disponíveis e meramente informativas referentes aos engenhos dominicanos da Rota dos Escravos¹⁰. Faz-se necessário, inclusive, pesquisa

⁸ SIQUEIRA, Zaida, MONTES, Maria Lucia & MALAVOGLIA, Fabio. **A História sob a terra: achados arqueológicos na Baixada Santista**. São Paulo. Governo do estado da Cultura/ Secretaria Cultural. 2014.p.68.

⁹ O objetivo da análise comparativa não é demonstrar que o bem é único, mas sim que ele tem motivos excepcionalmente fortes para ser considerado de *valor universal excepcional* em um determinado contexto. Para subsidiar este comparativo foram consultadas as brochuras de estudos de caso disponíveis no site da UNESCO, como por exemplo, *El estado del patrimonio mundial en el América Latina y Caribe*. Informe Periódico, Montevideo (Uruguay), mayo de 2004. Disponível em: <http://whc.unesco.org/archive/2004/whc04-28com-16es.pdf>

¹⁰ Projeto Rota do Escravo da UNESCO. O projeto foi apresentado pelos arqueólogos Martha Roquel, diretor científico do *Instituto Nacional do Patrimônio Cultural Subaquático*; James Duval, chefe do Departamento de Arqueologia do Patrimônio Nacional Monumento e Nerva Fondeur, Diretor de Cooperação. Ver: whc.unesco.org/indicativelist. A cana chegou à República Dominicana na segunda viagem de Colombo, em 1501, mas não pôde ser cultivada com sucesso. Seu cultivo e processamento foi realizado por nativos e posteriormente por escravos africanos, que em 1568 chegaram a totalizar quase 20 mil escravos. A maioria dos engenhos desta rota foi localizada ao longo dos rios, na parte ocidental da ilha. Dessas

in loco. Mas, é importante registrar que o elemento mais significativo deste comparativo é perceber que apesar de escassos, ainda se encontram acessíveis exemplares que guardam certa autenticidade referentes ao primeiro momento da colonização portuguesa e espanhola em suas antigas colônias e que suas diferenças, bem como suas aproximações, constituem-se em pistas fundamentais para aferir a excepcionalidade desses bens.

Embora o Monumento Nacional RESJE possua elementos históricos isoladamente assemelhados ao de outros engenhos análogos (sobretudo, fora da área de influência da colonização portuguesa, já que não há registros conhecidos de nenhum remanescente de origem portuguesa que tenha sobrevivido às intempéries, ações do homem e ao tempo) seu conjunto arquitetônico e seu histórico, constitui, de maneira mais estrita, aspectos sócio/histórico/ambientais originais.¹¹

Há, atualmente, dois lugares no planeta em que a primitiva cultura do complexo açucareiro ainda guarda reminiscências de seus episódios mais longevos: na República Dominicana, em Santo Domingo e no Brasil, na Ilha de São Vicente, atual município de Santos. Cada qual guarda especificidades com relação às técnicas construtivas, a forma de implantação e função de seus elementos. O primeiro representando um exemplo típico de engenhos caribenhos de arquitetura espanhola e o segundo testemunho único de um engenho de tipo açoriano de influência portuguesa.

Significativo exemplo que serve de comparativo à candidatura do engenho brasileiro são alguns engenhos da chamada Rota dos Escravos, conjunto de engenhos de açúcar datados do princípio da colonização espanhola (XVI e XVIII) e que fazem parte da lista indicativa da República Dominicana à Patrimônio Mundial, desde 2001¹² Portanto, nossa curva comparativa toma como mote de análise as especificidades do Engenho dos Erasmos (hoje em ruínas) e as ruínas desse conjunto de antigos engenhos

fazendas hoje sobram ruínas em diferentes graus de conservação, e são, sem dúvida, uma parte significativa do empreendimento espanhol na ilha.

¹¹ Para a elaboração da análise comparativa dos engenhos de açúcar remanescentes do século XVI foi utilizada a metodologia empregada pelo Dossiê Rio de Janeiro - Paisagem Cultura: entre a montanha e o mar.

¹²Sabe-se que em finais da década de 1520 existiam na colônia (atual República Dominicana) cerca de 20 engenhos e seis trapiches funcionando a toda capacidade, principalmente nas margens dos rios Ozama, Haina, Nizao, Estrada, Ocoa e Yanque do Sur. A nomeação do conjunto permanece na Lista Indicativa do país e faz parte do Projeto "Os primeiros engenhos de açúcar coloniais da América". Os outros cinco candidatos são os engenhos de: Diego Caballero, Engombe, Palavé, Engenho Nossa Senhora de Monte Alegre (A Duquesa) e Engenho Sanate.

dominicanos. O que há de proximidade e ou de especificidade entre esses exemplares?

Destacados por serem em comparação os únicos que sustentam certa relação de proximidade com o engenho brasileiro, seja pela baliza temporal em que foram construídos (primeiras décadas do século XVI) seja pela maneira como representou o empreendimento açucareiro caribenho em comparação ao português, tais engenhos possuíam inicialmente as mesmas finalidades: ambos visavam o enriquecimento da Coroa, antes de se tornarem propriedades privadas e promoveram o intercâmbio de matrizes de culturas distintas.

Estes engenhos (sobretudo, o de *Boca de Nigua, Engombe e Diego Caballero* - escolhidos para esta análise comparativa por sua semelhança arquitetônica, histórica e cronológica) possuem aspectos em comum com a paisagem do Engenho São Jorge dos Erasmos, por serem exemplos bem-sucedidos de implantação e adaptação humanas, em território, então, desconhecido. A questão que se coloca é: qual é a relevância especial do Engenho São Jorge dos Erasmos em relação aos três engenhos destacados na Rota dos Escravos dominicanos?

Os engenhos dominicanos foram os primeiros a serem erigidos na América, (comparativamente aos engenhos brasileiros, alguns, cerca de uma década antes), e guardam graus de autenticidade e integridade semelhantes aos encontrados no remanescente brasileiro. Talvez, o maior diferencial seja a volumetria construtiva que no caso dos engenhos dominicanos são maiores se comparada à do brasileiro. Também difere a maneira como cada complexo se localizava na espacialidade do chamado *teatro de operações* de forma mais espalhada, no caso dos dominicanos e, no caso do engenho brasileiro, constituído de cômodos aglomerados, o que caracteriza uma volumetria mais compacta, característica própria dos engenhos de influência construtiva açoriana. Portanto, a diferença mais representativa entre os dois complexos (Engenho São Jorge dos Erasmos e Engenhos da Rota dos Escravos) está na proposta de construção, do partido.

Ao contrário do que é percebido no conjunto de engenhos da Rota dos Escravos dominicanos, (cuja caracterização construtiva é análoga a todos os engenhos estudados - a herança construtiva espanhola se evidencia pela autenticidade, mas também e sobretudo pela quantidade de exemplares), a volumetria construtiva do engenho brasileiro se mostra única, pois não há registros no planeta de reminiscências construtivas que possuam as características do engenho brasileiro, único no mundo a preservar o chamado partido açoriano, extinto, até mesmo no arquipélago dos Açores.



Imagens 1 e 2: Destaques das Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos. Acervo RESJE USP. 2016.

a rota dos escravos e dos engenhos

A ilha de Espaniola vai ser o ponto de partida do projeto colonizador e do desenvolvimento da indústria açucareira na América. Nesta etapa, os engenhos de açúcar refletem a transferência de conhecimento tecnológico, agrícola e industrial mais avançado do momento. Eles são sustentados por um complexo sistema socioeconômico de exploração misturado com a mão de obra europeia, nativa e africana, que constitui um processo de aculturação originado em tais estabelecimentos. Neste contexto, os engenhos passam a representar a sistemática econômica do período, caracterizando-se por ser verdadeiros espaços de contato inter étnicos. Os engenhos dominicanos de Boca de Nigua, Engombe e Diego Caballero são exemplos significativos desta dinâmica e por isso, são elencados como potenciais espaços comparativos ao engenho brasileiro.

engenho boca de nigua¹³

O primeiro exemplar a ser destacado é o *Engenho Boca de Nigua*, um dos principais engenhos de cana do período colonial espanhol foi, provavelmente, o lugar onde se deu a primeira rebelião negra no chamando Novo Mundo, ocorrida em 1521.¹⁴ O Engenho de Nigua é, hoje, o único edifício, com grandes proporções, construído antes de 1870, no lado espanhol da ilha. Está em boas condições de conservação, a despeito de suas características originais de integridade e autenticidade terem sido enfraquecidas devido a reconstrução do mesmo, em finais do século XIX. Propriedade do Duque de Aranda e administrado por Juan Bautista Oyarsabal, foi, de acordo com o historiador Amadeo Julián, em sua obra: *Bancos, Ingenios y Esclavos*, “um engenho que se converteu no mais importante estabelecimento açucareiro do ilha, por seu tamanho e instalações, natureza e qualidade de seus instrumentos, assim como a quantidade de escravos que possuía”¹⁵

A parte mais alta do antigo engenho, bem como suas caldeiras e fornos dos oitocentos ainda estão presentes. Sua forma arquitetônica segue o exemplo dos grandes engenhos de açúcar de Cuba e do Haiti, construído no final do século XVIII. Além disso, este edifício tem um armazém, uma casa de guarda e algumas casas de destilaria.¹⁶ Em comparação às ruínas do Engenho São Jorge do Erasmos, as do Engenho de Nigua possuem uma área de construção maior, no entanto, trata-se de um engenho praticamente reconstruído XVIII, o que colabora para a pouca autenticidade e integridade do engenho original do XVI.

¹³ A exemplo de Erasmos Schetz, que jamais aportou em terras americanas, o proprietário original do Engenho Nigua, o espanhol Marques de Aranda, também nunca chegou a se instalar em Santo Domingo. Para informações detalhadas ver: http://www.diariolibre.com/sociedad/2012/10/08/i346470_ruta-del-esclavo.html.

¹⁴ Eventos significativos marcaram este espaço: a primeira rebelião negra no Novo Mundo, em dezembro de 1521, conduzido e executado por membros do grupo étnico Wolof de Senegâmbia; a revolta de mais de 200 escravos em 30 de outubro de 1796, o mais importante evento de resistência africana registrado na parte espanhola da ilha; o levante que iniciou o processo de abolição da escravidão e o estabelecimento de um governo popular com a diversidade étnica existente na ilha; a reunião de Toussaint Louverture, o líder da Revolução Francesa na colônia de Saint Domingue, em 1801, para negociar a transferência formal do território para a França, dentre outros episódios marcantes. Atualmente, existe o *Cimarronaje Festival*: uma festa musical de varas e tambores em comemoração à rebelião de escravos de 30 de Outubro de 1876. Ver: <http://www.perspectivaciudadana.com/contenido.php?itemid=3351>.

¹⁵ JULIÁN, Amadeo. *Bancos, Ingenios y Esclavos*. UEMA. Santo Domingo, 2003.p.325.

¹⁶ Em finais da década de 1970, começaram os primeiros estudos de restauração pelo engenheiro Baez Lopez- Penha.



Imagem 3: Detalhes de alguns ângulos do Engenho Boca de Nigua (CUNY Instituto Dominicano de Estudos da Faculdade da Cidade. FLICKR, 2014). Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/cunydsi/sets/72157626663603183/page2/>

engenho de engombe¹⁷

A data de 1535 gravada na parede frontal do edifício mantém aparente grandes rochas, elementos que revelam o estilo de vida estreita dos novos industriais. Já em 1532 Alonso de Fuenmayor, arcebispo de Espaniola, escreveu sobre Engombe descrevendo o italiano Esteban Justiniano como seu proprietário. Ele tinha 80 índios e 100 trabalhadores negros. Tratava-se, originalmente, de um engenho hidráulico que, devido a problemas relacionados às mudanças climáticas, pela seca dos rios e lagoas da região, passou, em finais do século XVI a ser movido por força motriz animal. Formada por quatro estruturas básicas: o casarão (que conserva o estilo senhorial), o Palácio, a igreja e o Galpão/Armazém, o engenho de Santa Ana de Engombe recebe este nome em homenagem a santa padroeira da pequena igreja presente no local. De acordo com seus estudiosos, seu campanário representa uma das maiores fortalezas da edificação. Por sua vez, o galpão, que dizem era um armazém de comestíveis variados, não foi reestruturado.

Em comparação com os demais engenhos da Rota dos Escravos, Engombe é o que se encontra com menos integridade e autenticidade: partes de suas estruturas foram reconstruídas no século XIX e mais recentemente o Ministério do Meio Ambiente dotou o espaço de programas de visitação para salvaguardar, proteger e fomentar o patrimônio cultural e natural do país. Este convênio contempla que se habilite um centro de visitantes e infra estrutura para que possam ser extrovertidos os conhecimentos produzidos no local.¹⁸ Em 20 de março de 2002 as ruínas de Engombe foram declaradas área protegida pelo decreto 183-93, passando a constituir partes do recém criado *Parque Mirador del Oeste*.

O engenho Santa Ana de Engombe faz parte do cinturão verde de Santo Domingo criado no começo da década de 1990 (que abarca uma área superior a 150 quilômetros quadrados - cobrindo a província de Santo Domingo e o Distrito Nacional). Engombe pode ser visitado apenas com mediação de guias turístico-ecológicos. Atualmente, arqueólogos têm andado a montante e jusante do rio que margeia o antigo trapiche movido à cavalos, procurando o lugar onde a doca de barcos havia sido instalada, mas até o momento, sem resultados positivos. Tampouco encontraram vestígios de cemitérios.

¹⁷ A origem da palavra que dá nome ao engenho, possivelmente, seja proveniente do africano "Engombe" ou "*N- Gombe*", que significa vaca, touro, fazendo referência à atividade desenvolvida no lugar. Portanto, provavelmente trata-se de um engenho de trapiche, ou seja, cuja força motriz provinha da tração dos animais, bois ou cavalos.

¹⁸ Disponível em: <http://www.listin.com.do/la-vida/2012/10/17/251445/Ruinadas-de-Engombe-seran-ahora-un-espacio-familiar>. Acesso em: 14.05.2014.

O comparativo que se estabelece entre Engombe e Erasmos se dá no quesito integridade. Com área construída maior, Engombe representa um complexo arquitetônico diferente do encontrado em território brasileiro. A especialidade esparsa abrangendo diferentes ambientes, edificações erigidas com técnicas construtivas natureza diversa da brasileira (com utilização de materiais e substâncias distintos das utilizadas no engenho brasileiro) e principalmente com reconstrução de partes de suas estruturas, o engenho de Engombe, apresenta por essas definições graus de autenticidade semelhantes ao do Engenho São Jorge dos Erasmos, havendo no engenho brasileiro, proporcionalmente, volumetria menor.

engenho de diego caballero¹⁹

O último engenho a conhecer o apogeu açucareiro foi o de Diego Caballero, que segundo os registros possuiu a maior quantidade de escravos e produziu a maior parte do açúcar de sua época. Ali se encontram ainda ruínas das estruturas levantadas, embora grande parte tenha sido desconfigurada nos séculos XVIII e XIX quando o lugar se transformou na *Hacienda María*, o que acabou por urbanizar o espaço de maneira a descaracterizar parte significativa de sua paisagem original. Diego Caballero foi o proprietário que, segundo os registros históricos, possuiu o maior número de escravos de todos os demais engenhos estudados. À despeito disso, não sobrou quase nada de seu aparato industrial açucareiro. O lugar é conhecido por sua grande relevância na era da ascensão da indústria do açúcar caribenha. Composto por uma casa de caldeirão, uma casa de purga e da usina de açúcar hidraulicamente rastreado, este antigo engenho ainda comporta estruturas com cinco fornos construídos com tijolos e cada um tem sistemas de incêndio particulares: um canal de água, levada até o canal a partir de uma distância de uma hora e meia. Foi necessário perfurar grandes montanhas e trazer o cruzamento líquido através de pilhas de areia o que consumiu vários anos de construção e a vida de muitos de seus escravos.

Em comparação ao Engenho dos Erasmos, este possui ruínas em quantidade e integridade bastante similares ao engenho brasileiro, e dos três engenhos dominicanos elencados é o que mais preservou sua integridade e autenticidade ao longo do tempo. Inserido em uma paisagem bastante análoga à brasileira, cuja planta do terreno possui cotas positivas e negativas similares às dos Erasmos, essas ruínas carecem de um programa de gestão que dote o lugar de potencialidades arqueológicas, históricas e

¹⁹ O Engenho de Diego Caballero custou ao rei da Espanha cerca de 15.000 moedas de ouro e tinha uma população formada por espanhóis, negros e índios. Era construído de pedras e possuía, de acordo com sua documentação, casas e uma igreja administrada por um homem do clero. Ver: Dossiê Lista Indicativa República Dominicana. (whc.uenesco.org).

sobretudo turísticas, mais sistematizadas, pois, tal como os demais engenhos da Rota dos Escravos, este também se mostra bastante incipiente com relação aos programas de preservação, manutenção e gerenciamento.²⁰



Imagem 4: Detalhes de alguns ângulos do Engenho de Engombe.
(CUNY Instituto Dominicano de Estudos da Faculdade da Cidade.FLICKR, 2014). Disponível em:
<https://www.flickr.com/photos/cunydsi/sets/72157626662998227/page3/>

²⁰ É conhecido o trabalho recente da UNIBE - Universidade Ibero-americana da República Dominicana, que por meio do programa: *Ruta de los ingenios de la Española* (Decanato de assuntos internacionais e interinstitucionales), coordenado pelos professores Arqueóloga Martha Roquel e Arquiteto Gamal Michelén, tem desenvolvido roteiros histórico/arqueológicos em alguns engenhos da Rota dos Escravos. Para informações detalhadas ver: <http://www.unibe.edu.do/es/internacionales/programas-para-extranjeros/ruta-de-los-ingenios-coloniales>. Também merece registro um estudo espanhol: GONZÁLEZ RUIZ, Jesús, *La Ruta del azúcar, la dulce razón*. Estudio para la creación de un itinerario cultural. Autor y Director del proyecto de investigación histórica sobre la cultura del azúcar en España y Latinoamérica. Ministerio de Asuntos Exteriores y de Cooperación al Desarrollo (AECID), Madrid, 2007.



Imagem 5: Detalhes das ruínas do Engenho de Diego Caballero. As mais similares às ruínas do antigo engenho São Jorge dos Erasmos.

(CUNY Instituto Dominicano de Estudos da Faculdade da Cidade. FLICKR, 2014). Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/cunydsi/sets/72157626664006087/>

Portanto, em comparação ao engenho brasileiro, os dominicanos possuem maior área construída, embora, em dois dos três casos, tenham ruínas com graus de autenticidade menos evidentes e, sobretudo, não demonstram até o presente momento um planejamento bem estruturado com relação à sua gestão, enquanto patrimônio, pois, a despeito de existir uma rota turística que percorre o caminho dos seis engenhos da Rota dos Escravos, estes antigos engenhos não são dotados de um acompanhamento sistemático de programas arqueológicos e mesmo

educacionais que redundem em extroversão de conhecimento gerado a partir de pesquisas históricas, arqueológicas, sociais ou ambientais. Em comparação à gestão levada a cabo nas ruínas do antigo engenho brasileiro, os exemplares caribenhos ainda carecem de uma administração mais atuante por parte de seus grupos gestores.

Compreende-se, assim, que a comparação entre estes três engenhos dominicanos e o antigo Engenho dos Erasmos potencializa as qualidades intrínsecas do engenho de origem portuguesa, não apenas pela sua unicidade (trata-se do único registro a legar graus relativos de autenticidade/integridade no território sulamericano), mas sobretudo, por seu papel protagonista na implantação do sistema capitalista na América portuguesa, e seu estado atual de plena ambientação no cotidiano de seus vizinhos diretos, constituindo-se em um representante apto a integrar as listas de indicação do Estado-parte e do Comitê do Patrimônio Mundial.

O bem se sobressai quando comparado com congêneres de origem espanhola devido à exclusividade de seu partido construtivo e pode preencher uma lacuna crítica na Lista do Patrimônio Mundial, por sugerir um comparativo relevante do *modus vivendi* e do partido proposto (do lado português/açoriano), de modo que esta análise sugere, com relativa segurança, a consolidação da candidatura, pois compreende que o pleito de admissão do Monumento Nacional RESJE, mostra-se fundamental para a preservação deste remanescente único da presença inicial portuguesa na América, protagonista do primado de um capitalismo incipiente, em pleno alvorecer da modernidade.

Compreende-se a relevância deste propósito, seja pela necessidade de mapear mais efetivamente a trajetória do bem, seja para dotá-lo de constante questionamento sobre suas funções diversas, *modus operandi* e *modus vivendi*. Este manancial, certamente ajudará a construir um legado mais consistente sobre as atividades desenvolvidas ao longo de sua trajetória produtora de açúcar, bem como de seus proprietários, nesta trajetória quase centenária²¹ de produção açucareira. Isto posto, compreende-se que a sistematização de uma pesquisa aprofundada sobre os remanescentes dos engenhos espanhóis em Santo Domingo, República Dominicana, bem como em toda América Central e Caribe, inclusive com visitas *in loco*, se mostra fundamental para a consolidação de parâmetros comparativos conclusivos sobre as relações e, sobretudo, as diferenças entre os engenhos de origem espanhola/caribenha e açoriano/portuguesa.

²¹ Acredita-se que a produção açucareira do Engenho São Jorge dos Erasmos tenha ocorrido entre 1534 e 1620, aproximadamente.